

O mitológico, o trágico e o biográfico em *Rei Revés*, de Evandro Affonso Ferreira

The mythological, the tragic and the biographical in
Rei Revés, by Evandro Affonso Ferreira

Bianca Becker Pertuzatti
UFP

Alfeu Sparemberger
UFP

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2025.e99774>

Resumo

Este artigo analisa como os intertextos com as mitologias gregas, as tragédias gregas clássicas e a biografia de Luiz Inácio Lula da Silva compõem a narrativa do livro *Rei Revés* (2021), de Evandro Affonso Ferreira. Para tal análise, as principais referências foram a pesquisa de Linda Hutcheon (1991) sobre a intertextualidade na literatura pós-moderna, os estudos de Junito de Souza Brandão (1986, 2022) e Aristóteles (2020) para um melhor entendimento das referências às mitologias gregas e dos elementos das tragédias, assim como as obras de Sófocles e a biografia de Lula para a realização de uma análise comparativa entre essas obras e o livro de Evandro.

Palavras-chave: Rei Revés; mitologia grega; tragédia clássica; biografia; Luiz Inácio Lula da Silva.

Abstract

This article analyzes how intertexts with Greek mythologies, classical Greek tragedies and the biography of Luiz Inácio Lula da Silva compose the narrative of the book *Rei Revés* (2021) written by Evandro Affonso Ferreira. For this analysis, the main references were Linda Hutcheon's (1991) research on intertextuality in postmodern literature; the studies of Junito Brandão (1986; 2022) and Aristotle (2020) for a better understanding of the elements of tragedies and references to Greek mythologies; as well as the works of Sophocles and the biography of Lula to carry out a comparative analysis between these works and Evandro's book.

Keywords: Rei Revés; greek mythology; classical tragedies; biography; Luiz Inácio Lula da Silva.

Introdução

A obra *Rei Revés*, do ficcionista brasileiro Evandro Affonso Ferreira, está focada na trajetória de um governante que viveu uma vida agitada, cheia de glórias e, agora, encontra-se entre quatro paredes, numa espécie de prisão desconhecida, comparada, em determinados momentos, às prisões do Hades. A narrativa é construída pelo fluxo de consciência de um narrador que, em várias passagens, confunde-se com o autor do livro, autodenominado de “autor quase-epopeico”. Ambos não têm ciência do que se passa com o governante em sua cela, por isso o fluxo ocorre a partir de indagações sobre o estado de espírito da personagem e sobre seu futuro.

Ao longo da obra, o narrador-autor faz diversas referências à mitologia grega, como, por exemplo, quando insinua que o protagonista seria descendente de Tântalo ou mencionando o Rio Letes como uma possibilidade de alívio. Outras tantas referências são feitas às tragédias gregas desde comparações entre o Rei Revés e Édipo, ou, então, sua filha Antígona, assim como pedidos de ajuda destinados aos mestres trágicos gregos Sófocles e Eurípides ou, finalmente, ao profeta Tirésias. Além disso, o trágico aparece a partir de elementos que compõem a narrativa, como o reconhecimento e a catástrofe. São realizadas, ao mesmo tempo, sutis e enigmáticas alusões biográficas ao então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, uma vez que a morte de seu neto enquanto ele estava na prisão serviu, segundo o próprio autor, de inspiração para a produção da sua obra, segundo a União Brasileira de Escritores (UBE, 2021).

Este artigo visa, assim, a analisar como o mitológico, o trágico e o biográfico fazem parte da construção narrativa da obra em questão. Posto isso, é utilizada como base principal para as análises a pesquisa de Linda

Hutcheon sobre a intertextualidade na literatura pós-moderna, assim como o clássico *A poética*, de Aristóteles, e os estudos de Junito de Souza Brandão, para examinar os elementos trágicos e os elementos mitológicos, separadamente. Completam este quadro as obras *Édipo Rei* e *Antígona*, escritas por Sófocles, bem como a biografia de Lula, escrita por Fernando Morais, para analisar os intertextos trágicos e biográficos, respectivamente.

O autor e sua escrita

Evandro Affonso Ferreira nasceu em 1945 na cidade de Araxá, localizada em Minas Gerais. Antes de começar sua trajetória como escritor, atuou como bancário e redator publicitário. A partir de um infarto sofrido em 1990 é que ele decide dedicar-se de modo exclusivo à literatura, começando com a abertura de seu primeiro sebo, chamado Sagarana, e, posteriormente, tornando-se escritor. Seu primeiro livro, *Bombons Recheados de Cicuta* (1996), inaugura uma produção que conta, hoje, com mais de dez livros, recebendo diferentes prêmios literários, como o prêmio Jabuti, em 2013, com sua obra *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam*, vencedor na categoria de melhor romance.

Em relação à sua escrita literária, em entrevista publicada em 2014, pelo Serviço Social do Comércio (SESC-SP), o autor divide suas obras em duas fases e declara que, após seu livro *Minha mãe se matou sem dizer adeus*, de 2010, seu foco, que antes era a vida da palavra, passa a ser a morte do homem, que seria, segundo afirmou, “[...] a morte em vida. A morte do homem no sentido de que ele se isola do mundo, ele fica sozinho, ele fica numa linha tênue entre a lucidez e a loucura” (Ferreira, 2014).

Em ambas as fases, entretanto, permanece em suas obras um destaque para o trabalho com a palavra, com a linguagem, inclusive em detrimento

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

do enredo. Em outra entrevista, concedida ao canal da União Brasileira de Escritores (UBE), em 2021, Ferreira, referindo-se à *Rei Revés* de modo específico e às suas obras de modo geral, declara: “eu privilegio a palavra, eu vou construindo frases que eu acho bonitas e tal, não dou muita bola para a história”.

Dito isso, é possível interpretar *Rei Revés* à luz de ambas as declarações do autor. O protagonista da obra, tal como apresentado pelo narrador, é um nítido exemplo dessa “morte em vida”, sendo ele um governante isolado do mundo em uma prisão sofrendo com o luto. Ao mesmo tempo, a narrativa é composta inteiramente por fluxos de consciência construídos a partir de um foco no trabalho com a linguagem. A denominação de miniepopéia, atribuída pelo autor-narrador ao texto, conjuga, assim, os elementos do épico e do trágico. Estão, de um lado, os termos constituintes da estrutura da épica: a proposição, a invocação e a narração. O tema é anunciado por um deus¹ (trata-se da revelação de uma “trajetória trágica”), e a invocação está presente ao longo do relato, em expressões como “Ah, Sófocles! Ah, Eurípedes! Ajudem autor quase epopeico [...]” (Ferreira, 2021, p. 24), repetida várias vezes e, portanto, circular, de modo a formar uma vasta teia intertextual, como veremos na sequência; e apresenta, finalmente, a narração (a história de um herói nacional, mais sugerida que explicitada). De outro lado está o componente trágico, que aparece em *Rei Revés*, para além dos intertextos com as tragédias gregas clássicas, principalmente a partir da construção do caráter do protagonista, ainda que composto por suposições do narrador. O protagonista é apresentado com as qualidades de um herói trágico, ou seja, com aqueles elementos da composição da tragédia (os responsáveis pela estruturação do mito, vale dizer “peripécia”, “reconhecimento” e “catástrofe”), seguidos de outros que serão retomados ao longo deste artigo.

1 A utilização da palavra “Deus” em minúscula acompanha a estratégia do autor que, ao longo do relato, emprega as duas modalidades, como forma de jogar com todo o panteão divino à disposição das invocações acionadas no texto.

No plano da linguagem, portanto, a opção pela narrativa ou narração, pelo épico, enfim, mas alimentada pelo componente trágico, comporta trabalhar com os elementos da gravidade e da leveza.

“Ah, Letes!”: elementos mitológicos

As primeiras frases da obra apresentam ao leitor a trajetória trágica de um menino-tabaréu que, posteriormente, viria a ser o Rei Revés. Seu destino já havia sido previsto, quando ainda estava no berço, por um deus irreconhecível, similar aos deuses da mitologia grega. Tal deus, ao prever o futuro daquele bebê, viu a vida agitada digna de pertencer a um governante: “viu lonjuras e conglomerados e multidões e aplausos e uivos e conclamações e reivindicações e atas e passeatas e autodidatas e magnatas e democratas e sociopatas e cisões e faisões e divisões [...]” (Ferreira, 2021, p. 9-10).

Ao mesmo tempo que este deus previu uma vida repleta de glórias, ele não conseguiu prever ou esqueceu de contar sobre a solidão que, no decorrer do enredo, parece assolar o Rei Revés, preso entre quatro paredes. Nas palavras do narrador: “Deus trágico irreconhecível possivelmente não sussurrou neles seus infantes ouvidos dizendo que você, descendente de Tântalo, viveria, num futuro distante, num quarto-desamparo [...]” (Ferreira, 2021, p. 47).

É simbólica a comparação da personagem com a figura mitológica de Tântalo, apontando-a como sua descendente, uma vez que este era rei da Frígia e foi jogado ao Tártaro (lugar mais profundo que o próprio Hades) após desafiar os deuses, matando o próprio filho e servindo-o como refeição a estes (Brandão, 1986, p. 79). Nesse sentido, o protagonista criado por Ferreira também é um Rei vivendo em uma prisão, que, talvez, seja a mesma do seu antepassado, posto que o leitor não possui sua localização. E possivelmente,

tal qual Tântalo, ele tenha sido preso por desafiar os deuses, mas o leitor tampouco sabe o motivo de seu encarceramento.

Sendo ele descendente de Tântalo, estaria, além disso, condenado à maldição familiar, uma vez que, segundo o direito grego antigo, “qualquer *hamartía* cometida por um membro do *guénos* recai sobre o *guénos* inteiro, isto é, sobre todos os parentes e seus descendentes” (Brandão, 2022, p. 43). Abre-se, dessa forma, a possibilidade de que o destino trágico de Rei Revés seja consequência dos erros de seus antepassados ou, ainda, que seja fruto de um erro seu. Pode-se, com isso, pensar que sua punição se estenda a seus descendentes. Todas essas possibilidades são facilitadas pelas incertezas do próprio narrador, posto que ele não tem acesso ao que está acontecendo ao Rei Revés, tampouco aos seus pensamentos ou mesmo ao seu caráter.

Toda a narrativa é composta – como o próprio narrador admite – a partir de suposições sobre o que se passa no interior das quatro paredes e no interior da mente do protagonista. Perguntas, por exemplo, referentes à sanidade mental do rei, ou imaginando se a personagem pensa em morrer, permeiam a narrativa, sem que, no entanto, sejam encontradas as respostas. Nesta trama construída em um fluxo de consciência permeado de hipóteses, o próprio narrador nos alerta para sua falta de confiabilidade: “[...] não confiem *in totum* no poder cognitivo-intuitivo do narrador desta miniepopéia: muitas vezes somos enganados pelas deusas tecelãs dos pressupostos das conjecturas das suposições” (Ferreira, 2021, p. 59).

Algumas suposições, no entanto, repetem-se de tal modo, ao longo do relato, que parecem tornar-se quase certezas. Um desses pontos é o luto que a personagem sofre por várias perdas que teve ao longo da vida e, em especial, pela sua perda mais precoce: um menino-anjo de cabelos encaracolados que, depois, se entende que era seu neto, quando o narrador pede que tal menino visite Rei Revés: “Ah, menino-anjo de cabelos encaracolados! Apareça de

súbito noite qualquer dizendo-surpreendendo: Vô, voltei!” (Ferreira, 2021, p. 73-74). Essa constatação colabora, também, para a já mencionada possibilidade de uma maldição familiar no estilo grego antigo. O sofrimento e a morte de seus familiares, de acordo com esta mesma lógica, seriam consequência de sua *hamartía*.

O menino-anjo, ao chegar no céu, multiplica-se em vários meninos-anjos e estes são invocados, ao longo da narrativa, como possíveis salvadores do Rei Revés que, talvez, estivessem planejando o resgate de seu avô. Além disso, uma outra possibilidade apresentada, se não como forma de salvação, ao menos como possível alívio para o protagonista, é o rio mitológico Letes, “[...] um dos rios do inferno de Hades, no qual os mortos se banhavam e esqueciam sua existência anterior” (Zampieri, 2018). Em alguns momentos o narrador evoca esse rio, questionando, entretanto, se a personagem seria digna ou não desse alívio:

Ah, Letes! Seria sensato você deixar que todas as possíveis-prováveis impurezas de nossa personagem fossem naufragadas em suas águas do esquecimento? Ou seria justo deixar que aquele deus trágico irreconhecível deixasse que essas possíveis-prováveis mazelas entrassem fundo noutras águas – aquelas que movem o Moinho da Fatalidade? (Ferreira, 2021, p. 56).

Ao longo da trama, o narrador-autor retoma, algumas vezes, tal conflito. Em determinados momentos ele alega não se importar com o destino da personagem; em outros questiona os mestres das tragédias gregas o que eles fariam se pudessem mudar os destinos das suas próprias personagens: “Ah, Sófocles! Ah, Eurípides! Dependesse de vocês, Antígona seria pelo menos enterrada morta? Édipo furaria apenas um olho?” (Ferreira, 2021, p. 108). Em outros momentos, ainda, o narrador repreende-se por importar-se: “Ah, Sófocles! Ah, Eurípides! Vejam vez em quando o narrador desta miniepopéia com os olhos da Tolerância: sabemos que autor deveria nunca-jamais

proteger, manifestar-se a favor dela sua própria personagem” (Ferreira, 2021, p. 44-45). Tais menções a Sófocles, Eurípides e suas obras são, assim, parte dos intertextos que o romance de Evandro apresenta com as tragédias gregas, em especial a partir das peças Édipo Rei e Antígona. Estes intertextos serão abordados a seguir e se somam aos elementos mitológicos presentes em *Rei Revés*.

“Ah, Sófocles! Ah, Eurípides!”: elementos trágicos

Passado, presente e futuro confundem-se no interior das quatro paredes dessa narrativa, uma vez que o Rei Revés vive nesse espaço-tempo praticamente congelado. Assim posto, revive (nas suposições do narrador) seu passado glorioso e seu tempo com os que já se foram, como é possível observar no seguinte trecho:

Ah, Rei Revés! Agora, entre quatro paredes, você possivelmente esteja arraigado nos longínquos, tentando, inútil, apalpar pretéritos triunfantes; possivelmente se refugiando nas neblinas contagiosas do Inolvidável; cedendo, talvez, subserviente, deixando-se subornar por essa entidade abstrata, ectoplásmica, cujo nome é Saudade (Ferreira, 2021, p. 27-28).

Segundo as conjecturas do narrador, o protagonista encontra-se duplamente preso, pois está encarcerado nas quatro paredes de uma prisão desconhecida em um presente em que nada parece acontecer, enquanto mentalmente está preso a um passado repleto de fantasmas, sofrendo a angústia de não saber seu futuro, de não conseguir acessar o imponderável. A partir dessa lógica, o narrador questiona, evocando a filósofa Hannah Arendt: “Ah, senhora Arendt: poderíamos dizer que Rei Revés está suspenso entre um não-mais e um ainda-não?” (Ferreira, 2021, p. 43). Tal indicação implica dizer que ele não é mais a pessoa que um dia foi; não pode voltar

aos momentos gloriosos que viveu ou recuperar as pessoas que perdeu. Ao mesmo tempo, seu presente está estagnado, marcado pelas ausências do passado, e seu futuro é cercado de incógnitas, fazendo-o permanecer, deste modo, em um limbo.

Como já é possível observar e será melhor analisado na sequência, *Rei Revés* traz uma narrativa permeada pelo trágico. Tal afirmação parte do entendimento, baseado na Poética de Aristóteles e nos estudos desenvolvidos por Brandão, da tragédia como sendo a imitação de uma ação protagonizada por um herói que não pode ser muito bom nem muito mau (como será retomado posteriormente). Trata-se de um herói que, ultrapassando o seu *métro*n (a medida de cada um), provoca uma reação em cadeia que geralmente envolve a passagem da fortuna para a desdita e que suscita, assim, terror e piedade no leitor/espectador. Nesse sentido, podemos começar pensando na ultrapassagem do *métro*n, que gera uma reação porque é considerada uma *démesure* (uma violência contra si mesmo e contra os deuses), provoca a *némesis* (o ciúme divino) e, por consequência, a punição é o lançamento da *até* (a cegueira da razão). Assim, toda a ação realizada pelo herói voltar-se-á contra ele (cf. Brandão, 2022, p. 17). O Rei Revés, ao que tudo indica, parece ter ultrapassado a sua medida, mas não se sabe ao certo, ao longo da narrativa, qual foi o erro trágico que deu início à reação em cadeia dessa personagem. O narrador insinua, em dados momentos, que nem mesmo o protagonista sabe o que o trouxe à situação em que se encontra: “Ah, difícil para todos os mortais entender a geografia dos próprios Descaminhos. Os equívocos?” (Ferreira, 2021, p. 19).

Em meio a este cenário trágico, a já mencionada agonia de não saber o futuro que supostamente atormenta a personagem, afeta, também, o narrador-autor, uma vez que os sentimentos próprios deste parecem confundir-se com suas hipóteses acerca do que estaria sentindo o Rei Revés, como no seguinte exemplo: “Ah, Rei Revés! Autor-quase-epopeico

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

e você, ambos, possivelmente saberíamos que adiantaria nada se borrifarmos de alfazemas: já estaríamos impregnados deste cheiro desconcertante cujo nome é Arrependimento?” (Ferreira, 2021, p. 93). Dessa forma, devido aos sentimentos de agonia compartilhados, o narrador recorre, em especial, aos mestres trágicos, para que venham em seu auxílio com respostas a todas as perguntas sobre Rei Revés e seu destino, fazendo, principalmente, diferentes apelos ao longo da narrativa a Sófocles e a Eurípedes, que começam com exclamações com esta: “Ah, Sófocles! Ah, Eurípedes! Ajudem narrador desta miniepopeia a psicografar o Incognoscível; a lançar mão do Enigmático; a manusear a Transcendência; entender a mímica do Desarrazado” (Ferreira, 2021, p. 11). A referência ao gênero adotado, ou ainda a um subgênero, deixa explícita uma consciência do nível representacional do processo criativo. O autor “sabe” que realidade e autenticidade “são construções de linguagem”. E sabe que a autenticidade “advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato” (Santiago, 2002, p. 38). E tanto é assim que diante do silêncio dos mestres trágicos, mantido igualmente ao longo do texto, o autor procura, em alguns momentos, supor o que eles diriam e como responderiam às suas indagações: “Ah, Rei Revés! Dias ficaram semelhantes àquela poção de éter que de repente foge ao controle da tampa do frasco? Ficaram de súbito desapegados às risonhas expectativas? Esses dias te farão nascer e morrer ao mesmo tempo – diria Sófocles” (Ferreira, p. 29-30).

Juntamente com grandes autores trágicos gregos, o autor também evoca, inúmeras vezes, o profeta cego Tirésias, aquele que revela a Édipo que ele mesmo era o assassino de Laio, homem que matou sem saber que matava o rei de Tebas e seu próprio pai. Em alguns momentos tais pedidos de auxílio são mais esperançosos e em outros mais desiludidos, chegando ao ponto de o autor duvidar das capacidades proféticas dele: “Tirésias... Tirésias... Tirésias... desprezível-indigno-abjeto antigo profeta cego de Tebas [...]... Tirésias... Tirésias... Tirésias... Você, à semelhança de Édipo, não tem

sido hábil na decifração de enigmas” (Ferreira, 2021, p. 114).

Concomitantemente a estes chamados, o autor realiza comparações entre Rei Revés e algumas figuras trágicas, como Édipo e sua filha Antígona, figuras que protagonizam as obras mais famosas de Sófocles. No seguinte trecho, a desgraça de Rei Revés é comparada com a de Antígona: “Ah, Sófocles! Nossa personagem entre quatro paredes, também, à semelhança de Antígona, está impossibilitada de dissipar as sombras do terror à sua volta? Mesmo assim, feito ela, filha de Édipo, é incapaz de se curvar diante da desgraça?” (Ferreira, 2021, p. 43). Tal comparação é significativa, pois ambos viviam atormentados por seus mortos. No caso de Antígona seus fantasmas eram seus pais e seus irmãos; no caso do protagonista da obra de Evandro, era também um irmão; além do neto, duas esposas e outros finados não identificados. Ademais, de modo similar a Rei Revés, a personagem grega foi condenada ao encarceramento, uma espécie de “sepultamento em vida”, sem, contudo, arrepender-se das suas atitudes em nenhum momento. É possível contemplar essas semelhanças na fala de Antígona ao entrar em sua prisão: “Ó tumba, ó tálamo, ó cárcere escavado, prisão sem fim. A ti me dirijo em busca dos meus, numerosos, mortos meus, hóspedes de Perséfone [...]” (Sófocles, 1999, p. 64).

Em outro momento, a catástrofe de Édipo é comparada com a possível catástrofe de Rei Revés: “Rei Revés, à semelhança de Édipo, poderia agora, entre quatro paredes, reflexivo, imparcial consigo mesmo, estar à beira da catástrofe que seria conhecer sua própria-verdadeira identidade?” (Ferreira, 2021, p. 49). Nesse trecho pode-se observar alguns dos elementos da tragédia, como a catástrofe, que, segundo Aristóteles (2020, p. 22), “é uma ação perniciosa e dolorosa, como o são as mortes em cena, as dores veementes, os ferimentos e mais casos semelhantes”. E também o reconhecimento que, ainda nas palavras do filósofo grego, “é a passagem do ignorar ao conhecer, que se faz para amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas

para a dita ou para a desdita” (Aristóteles, 2020, p. 22). No caso do Rei Revés, contudo, esse reconhecimento parece não acontecer.

Em outro momento de comparação entre as figuras trágicas e Rei Revés, o autor, após descartar a possível utilidade de Tirésias, afirma: “Apenas vocês dois [Sófocles e Eurípides] e os três Anuns e muitos-múltiplos meninos-anjos de cabelos encaracolados? Mais nada-ninguém? Para possivelmente, juntos, salvar Antígona, aquela que tentou inútil transgredindo leis reais enterrar o próprio irmão?” (Ferreira, 2021, p. 126). Nesse trecho, Antígona e Rei Revés são a mesma pessoa e o que se discute é quem será capaz de salvá-los. Tirésias, como mencionado, é temporariamente descartado, e os que sobram são os mestres trágicos, os meninos de cabelos encaracolados e os três Anuns.

Como dito anteriormente, os mestres trágicos são constantemente convocados em pedidos de ajuda; já o menino-anjo, multiplicado em vários meninos-anjos, em algumas das suposições do narrador-autor, estaria planejando o resgate do Rei Revés. Os Anuns, por sua vez, que ainda não haviam sido analisados aqui, são três pássaros representados na bandeira da cidadela onde nasceu Rei Revés. Em vários momentos, eles são apresentados como a única possível salvação do protagonista. Segundo o narrador: “Dia qualquer numa noite qualquer aqueles três Anuns possivelmente sairão daquela longínqua bandeira para resgatar você [Rei Revés] – empreitada-heroico-passeriforme” (Ferreira, 2021, p. 36). Esses pássaros também trazem referências biográficas, as quais serão analisadas no tópico seguinte.

“Anuns! Anuns! Anuns!”: elementos biográficos

Para além das inúmeras referências à mitologia grega e aos mestres trágicos, há um outro elemento base desta obra: o biográfico. O próprio narrador o menciona em alguns momentos, como no trecho a seguir:

[narrador] caminha resignante para possivelmente esbarrar a qualquer momento numa página indeterminada a silhueta o perfil o contorno da Verdade – mesmo sabendo da quase-impossibilidade de existir realidade plena nesta narrativa de aparência biográfica (Ferreira, 2021, p. 53).

O narrador brinca com elementos como verdade, realidade e biografia, do mesmo modo como mescla narrador e autor, questionando as divisões entre realidade e ficção. Ele deixa claro, porém, no trecho supracitado, que o aspecto biográfico é somente aparente e a realidade plena é quase impossível de ser encontrada nessa narrativa. Para melhor entender tal questão, cabe destacar uma declaração do autor na já mencionada entrevista concedida em 2021 ao canal da UBE, na qual ele afirma que sua inspiração para escrever este livro foi a morte, em 2019, do neto do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que estava encarcerado naquele momento. Nessa entrevista, Evandro declara: “Eu vou falar do Lula, mas esse Lula que eu vou falar é um Lula que eu vou inventar” (UBE, 2021). Em uma entrevista anterior, também já mencionada, publicada pelo SESC de São Paulo, o autor declarou que não se interessa pela base da realidade na literatura; os vínculos inescapáveis que existem entre a literatura e a realidade empírica são construídos a partir de invenções do autor, quer dizer, ele não se prende a um compromisso ou a um desejo de expressar a realidade da maneira mais fidedigna possível (Ferreira, 2014).

Nesse sentido, pode-se pensar na relação entre história e ficção no pós-modernismo a partir de Linda Hutcheon (1991), ao afirmar, em seu livro *Poética do pós-modernismo*, que a ficção pós-moderna aspira uma abertura para a história sem que isso implique, contudo, a perda de sua autonomia como ficção. Uma das formas em que essa abertura acontece, ainda segundo Hutcheon (1991), é por meio de paródias marcadamente irônicas, nas quais ocorre paradoxalmente uma ruptura com o passado por intermédio da

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

ironia e uma afirmação do vínculo com esse mesmo passado a partir da imitação intertextual. Hutcheon (1991) declara que “[...] o ‘mundo’ em que esses textos se situam é o ‘mundo’ do discurso, o ‘mundo’ dos textos e dos intertextos” (p. 165), inclusive porque a história somente pode ser apreendida a partir de textos. A autora destaca, além disso, que “Esse ‘mundo’ tem um vínculo direto com o mundo da realidade empírica, mas não é, em si, essa realidade empírica” (p. 165). Ela recorda, ainda, que a “incorporação textual” de “passados intertextuais como elemento estrutural constitutivo da ficção pós-modernista funciona como uma marcação formal da historicidade – tanto literária como ‘mundana’” (p. 163).

A invocação, que acaba por articular uma teia intertextual de afirmação de uma historicidade no plano formal, parece ser a estratégia dominante utilizada pelo autor. Como parte da epopeia, ela serve de súplica que o poeta envia aos deuses como forma de granjear seu auxílio e benção. Ela está presente, no caso de *Rei Revés*, em toda a narração. Os primeiros invocados são, como já citado, Sófocles e Eurípedes. Aos dois trágicos, o autor acrescenta Jorge de Lima, Immanuel Kant, Octavio Paz, Ana Akhmátova, Carlos Drummond de Andrade e outros. As referências aparecem associadas, em muitos casos, mas não com exclusividade, aos tipos centrais de práticas intertextuais, tanto as de “relação de co-presença” quanto as de “relação de derivação” (Samoyault, 2008, p. 48). O texto é articulado, portanto, a partir de citações, referências, alusões, paródias, absorções, etc. Este trecho do estudo pode ser encerrado com a epígrafe utilizada por Evandro Affonso Ferreira, extraída de Eurípedes: “Sofrer é o destino dos mortais” (Ferreira, 2021, p. 5).

Pensando agora no plano “mundano” da obra *Rei Revés*, o próprio autor informa, como mencionado, que ele não tinha a pretensão de retratar o ex-presidente Lula de maneira fidedigna, mas, mesmo se essa fosse sua ambição, não seria possível capturar uma realidade empírica que fosse uma verdade absoluta. Sendo assim, tal obra, como parte desse “mundo” do discurso,

possui um protagonista que está vinculado a Lula e está vinculado às figuras mitológicas-trágicas já mencionadas, uma vez que a literatura também faz parte deste “mundo” do discurso, mas não é por completo nenhum nem outro.

Analisando, deste modo, o vínculo com a realidade empírica, encontram-se, na obra de Evandro, alguns elementos relacionados ao Rei Revés que fazem alusão à biografia de Lula. O principal exemplo, uma vez que foi a inspiração inicial do autor, é a morte de Arthur, neto de 7 anos do ex-presidente, em 2019, enquanto este estava encarcerado (Moraes, 2021). Na ficção, a criança inspira a criação do menino-anjo de cabelos encaracolados. Outro exemplo central da conexão entre realidade e ficção é justamente o fato de que o então ex-presidente, tal qual o protagonista do livro, esteve preso em um lugar bem distante de sua cidade natal. No caso de Lula, sua prisão ocorreu em abril de 2018 e sua pena foi cumprida na Superintendência Regional da Polícia Federal, em Curitiba. Diferente do que se sabe sobre Rei Revés, porém, Lula, posteriormente, conseguiu sua liberdade, tendo os processos contra ele anulados (Moraes, 2021).

Além disso, interligando os intertextos trágicos e biográficos, o narrador compara Rei Revés com Antígona, que não conseguiu sepultar seu irmão. Na tragédia grega, Polínice e Etéocles, que eram irmãos, lutam um contra o outro pelo controle da cidade de Tebas e morrem na disputa. Creonte, tio deles e novo rei de Tebas, autoriza somente o sepultamento de Etéocles, considerando que ele era o legítimo governante da cidade e Polínice estaria agindo contra ela. Antígona, incapaz de aceitar que um de seus irmãos não fosse sepultado, realiza o procedimento ela própria, sendo, como consequência da descoberta de seus atos, condenada por Creonte a um sepultamento em vida (Sófocles, 1999).

Em paralelo, em 2019, um pouco antes da morte de seu neto, Luiz Inácio perdeu seu irmão mais velho, Genival, vítima de câncer. Como o então ex-presidente estava preso, solicitou autorização para poder comparecer ao sepultamento — pedido que foi negado, em violação a preceitos legais previstos no Código Penal Brasileiro. Posteriormente, ele pôde comparecer ao enterro de Arthur, fato igualmente significativo, já que, na obra de Evandro, o menino-anjo é apontado como um dos possíveis libertadores de Rei Revés.

Somada a todas essas mortes e desgraças, o narrador menciona uma dupla viuvez de Rei Revés, acontecimento que também encontra paralelo na biografia do presidente, que perdeu duas esposas ao longo da vida. A primeira foi uma viuvez precoce, quando tinha seus vinte e poucos anos, em 1971, mais especificamente quando perdeu sua esposa Lourdes junto com o filho que ela esperava; a segunda viuvez ocorreu em 2017, quando Marisa, sua segunda esposa, morreu de derrame cerebral (Morais, 2021). Fernando Moraes aponta, na biografia oficial de Lula, que, após a morte da primeira esposa e seu bebê, “o luto das perdas irreparáveis o transformou num zumbi” (Morais, 2021, p. 240). De modo similar, a trajetória do Rei Revés é marcada pelo luto e os intertextos que se entrelaçam na construção do texto de Evandro também são marcados pelo mesmo sentimento. Luiz Inácio teve todas as perdas supracitadas, tal como Édipo e Antígona, que pertencem a uma família dilacerada por assassinatos e suicídios.

Isto posto, as referências aqui apresentadas e relacionadas à biografia de Lula não são apresentadas na obra de Evandro de maneira evidente, como, aliás, nada em Rei Revés o é, embora algumas tenham sido introduzidas como menções ou alusões. Outras também são aquelas que foram construídas de modo mais enigmático ao longo da narrativa. É o caso da referência à cidade natal do presidente, Garanhuns, localizada no Estado de Pernambuco; na ficção, esta é transformada na cidadela dos Anuns, fazendo alusão ao nome

da cidade pernambucana e também aos três pássaros negros que compõem a sua bandeira, os quais, na obra, convertem-se nos supracitados possíveis salvadores da personagem, que sairiam dessa bandeira para resgatá-la de sua longínqua prisão.

“Tirésias? É você?”: o final de Rei Revés

Como exposto anteriormente, a obra de Evandro apresenta uma personagem que mistura e contrasta elementos mitológicos, trágicos e biográficos, os quais são permeados pelas interpretações e pela imaginação do narrador-autor. O resultado final de tais junções somente pode ser acessado pelos leitores, também eles referidos pelo narrador, a partir de suposições e vislumbres sobre o caráter da personagem. O narrador a descreve, em alguns trechos, como estando distante do heroísmo: “[...] não se pode omitir o fato de que ela, nossa personagem, hoje situada a grande distância do heroísmo, possivelmente às vezes chora às escondidas, às vezes impropria os deuses” (Ferreira, 2021, p. 16). Em outros trechos, destaca sua preocupação com os mais necessitados: “para ela, nossa personagem, nunca houve parcimônia no amparo aos desvalidos: sua solidariedade rechaçava recuos” (Ferreira, 2021, p. 32).

Pode-se, assim, pensar nas palavras d’*A poética*, quando Aristóteles declara que a tragédia idealmente não deve representar nem homens muito bons nem homens muito maus, pois, nesses casos, não se produz os efeitos de terror ou piedade desejados. Segundo o filósofo grego, a representação deve ser “a do homem que não se distingue muito pela virtude e pela justiça; se cai no infortúnio, tal acontece não porque seja vil e malvado, mas por força de algum erro” (Aristóteles, 2020, p. 23). Rei Revés parece enquadrar-se, então, nessa definição do filósofo grego, pois, mesmo o leitor não tendo acesso direto ao caráter da personagem, os vislumbres e suposições apontam

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

para uma pessoa que não se destaca pela bondade exacerbada tampouco pela maldade intencional.

Seguindo sem que o leitor tenha acesso direto ao âmago da personagem, as páginas avançam e, à medida que se aproxima o desfecho do livro, as suposições sobre o futuro de Rei Revés adquirem um novo tom, como se alguma ação estivesse mais próxima de acontecer. É possível observar isso no seguinte trecho, em que o narrador questiona se os Anuns já estariam a caminho para salvar a personagem:

Anuns! Anuns! Anuns! Será que narrador desta miniepopeia, afeiçoado às indiscrições, distraído, não percebeu que as asas desses heroicos pássaros negros já se movimentam em direção àquele espaço exíguo entre quatro paredes, desafiando prognósticos desanimadores de todos os deuses da Desesperança? (Ferreira, 2021, p. 94).

Apesar de algo parecer estar acontecendo, o narrador demonstra estar cada vez mais desesperado, expressando gradativamente mais o seu próprio tormento para além do possível tormento da personagem. Ele afirma, em dado momento, o seguinte: “Ah, mestres trágicos! Não deixem que personagem à semelhança do narrador desta miniepopeia ande cada vez mais desafeiçoada de si mesma, cansada de ser seu próprio frete, erguendo esperança em campo minado” (Ferreira, 2021, p. 120).

O narrador, em claro e exposto sinal de desespero, parece duvidar que a narrativa terá sequer algum desfecho, alguma resposta para as indagações que permeiam a obra, pedindo a Tirésias que lhe diga ao menos isso:

Ah, Tirésias! Você saberia pelo menos dizer-prever em que página nossa narrativa quase-epopeica terá seu desfecho? [...] Desfecho... Qual seria o desfecho desta ficção? Qual seria o desfecho da história real dela nossa personagem? Poucos-possíveis-prováveis leitores não chegariam nem mesmo no prólogo desta narrativa? (Ferreira, 2021, p. 98).

Cabe destacar que, nesse trecho, o narrador articula ficção e realidade, questionando se essas terão um desfecho comum – reforçando, assim, ao mesmo tempo, o vínculo e a distinção que as separam. Os questionamentos, as suposições e o desespero em torno desses desfechos persistem até que, na última página, o silêncio de Tirésias finalmente se rompe – e ele prevê o que irá acontecer logo em seguida com a personagem:

Tirésias? É você? Narrador e poucos-possíveis-prováveis leitores, todos, não estamos ouvindo direito... Mais alto, por favor! Sim: daqui a pouco... pouquinho depois de autor terminar de vez esta narrativa ele Rei Revés baterá a cabeça dezenas de vezes nas paredes daquele exíguo cômodo... depois... atormentado-desesperado-enlouquecido... banhado em sangue... vai chamar em ajuda, suplicar: Anuns! Anuns! Anuns! (Ferreira, 2021, p. 127).

Pode-se pensar no silêncio de Tirésias, nesta obra, como sendo similar a seu silêncio em *Édipo Rei*. Na obra de Sófocles (2019), Édipo exige que Tirésias revele, contra a sua vontade, tudo o que sabe sobre o destino dos heróis. Em determinado momento, o profeta implora ao rei: “Ordena que eu seja reconduzido a minha casa, ó rei. Se me atenderes, melhor será para ti, e para mim” (Sófocles, 2019, p. 12). Já na obra de Evandro é o próprio narrador quem implora ao profeta cego que rompa seu silêncio, súplica que ele, finalmente, atende na última página. No primeiro caso, sabemos qual era o segredo que Tirésias não queria revelar: Édipo havia matado seu pai e desposado sua mãe, confirmando, assim, a profecia decretada quando ele ainda era bebê. No caso de Rei Revés, o leitor chega ao fim do livro sem saber o que levou a personagem à prisão, ou mesmo sem ter informações definitivas sobre o seu caráter. A manifestação de Tirésias parece, contudo, confirmar várias das suposições do narrador em relação ao estado mental do protagonista. É possível conjecturar que, mesmo o leitor não encontrando respostas para os múltiplos questionamentos da obra, talvez Rei Revés tenha

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

alcançado – nessa cena derradeira – seu momento de reconhecimento. E
quicá tenha sido essa revelação que desencadeou seu ato de autoflagelação (o
violento bater de cabeça contra a parede), ecoando o gesto edípico de furar
os próprios olhos ao confrontar a profecia cumprida. Quebrando um pouco
o momento de autopunição, porém, Rei Revés pede ajuda aos Anuns. Cabe
ao leitor imaginar, então, se os pássaros heroicos foram ou não ao socorro da
personagem.

Considerações finais

Como aqui analisado, *Rei Revés* possui um narrador que se confunde com o autor e, às vezes, até com a personagem. Ele não possui acesso aos pensamentos ou à situação material do protagonista, por isso sua narrativa se constrói de maneira incerta a partir de suposições e indagações sobre Rei Revés, as quais vão dando indícios, não muito confiáveis, de como foi sua vida, qual é o seu caráter, o que ele sente e qual será seu destino.

Este discurso incerto é permeado por intertextos com as mitologias gregas, as tragédias gregas e com a biografia do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Entre os intertextos mitológicos está a suposição de que Rei Revés seria descendente de Tântalo, ambos reis presos talvez pelo mesmo motivo, talvez na mesma prisão ou ainda unidos pela *hamartía* que recai sobre toda a família. Entre os intertextos trágicos, os principais paralelos são os traçados entre o protagonista de Ferreira e Édipo e Antígona, o primeiro em relação à catástrofe que é conhecer a própria identidade, já a segunda em relação ao sepultamento em vida, ao luto pelos mortos e ao sofrimento de não poder enterrar um ente querido.

Além disso, são feitas invocações aos mestres trágicos ao longo de toda a narrativa, na intenção de conseguir algum auxílio ou alguma resposta no

que concerne ao destino do protagonista. Por fim, os intertextos biográficos com Luiz Inácio Lula da Silva envolvem principalmente a prisão, a dupla viuvez, a proibição de comparecer ao enterro do irmão e a perda do neto tão jovem.

Esses intertextos exemplificam o que Linda Hutcheon (1991) identifica como característica fundamental da literatura pós-moderna: a abertura ao ‘mundo’ do discurso. Tal mecanismo estabelece uma conexão com a realidade empírica – não como reprodução mimética, mas como mediação crítica – ao mesmo tempo em que inscreve no texto sua própria historicidade. Por outro lado, em uma narrativa marcada por incertezas, onde os leitores, tal qual o narrador-autor, não têm acesso ao caráter da personagem ou à sua situação, são justamente as referências ao mitológico, ao trágico e ao biográfico que possibilitam a construção de Rei Revés como personagem, protagonista que é a junção de todos os elementos intertextuais que o compõem.

Esses intertextos cumprem ainda uma função hermenêutica crucial: permitem decifrar o desfecho ambíguo do protagonista, que, à semelhança de toda a tessitura narrativa, se mantém deliberadamente aberto a interpretações contraditórias. Na última página do livro, Tirésias, após ignorar todos os apelos do narrador-autor, rompe seu silêncio e prevê que, em pouco tempo, Rei Revés baterá sua cabeça na parede e suplicará pela ajuda dos anuns, o que deixa em aberto várias perguntas sobre um possível socorro que atenda às súplicas de Rei. Nesse sentido, uma vez que o silêncio de Tirésias em *Rei Revés* é similar a sua recusa de responder as perguntas que lhe fazem em *Édipo Rei*, pode-se analisar o momento de ruptura em ambas as obras sob a mesma luz. Dessa forma, tendo em vista o desfecho de *Édipo*, é possível interpretar a cena final de Rei Revés como sendo o momento de reconhecimento da sua identidade, seguido pela autoflagelação por não suportar o que descobriu.

Referências

ARISTÓTELES. *A poética*. São Paulo: Lebooks, 2020.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986. Vol. 1.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

FERREIRA, Evandro Affonso. Retorno à comida caseira, *SESC São Paulo*, n. 201, mar. 2014. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/7408_EVANDRO+AFFONSO+FERREIRA. Acesso em: 05 nov. 2024.

FERREIRA, Evandro Affonso. *Rei Revés*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

FERREIRA, Evandro Affonso. Enciclopédia Itaú Cultural, São Paulo, 19 nov. 2023. Literatura. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa404708/evandro-affonso-ferreira>. Acesso em: 05 nov. 2024.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. (Trad.) Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MORAIS, Fernando. *Lula*. Biografia. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. (Trad.) Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução por Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. E-artnow, 2019.

UBE União Brasileira de Escritores. #TerçasLiteráriasUBE 2021: Evandro Affonso Ferreira. Youtube, 4 maio de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/RElKU-vfJVU>. Acesso em: 05 nov. 2024.

ZAMPIERI, Aline. A poesia e o fazer poético em *Alba*, de Orides Fontela. In: Congresso Internacional ABRALIC, 16., 2018, Uberlândia. XVI Encontro ABRALIC - 2018 [...]. Uberlândia: ABRALIC, 2018.

Submissão: 22/04/2024

Aceite: 02/06/2025

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2025.e99774>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*